

# REVISTA DE AGRICULTURA

Diretor responsável: Prof. Salvador de Toledo Piza Junior

## DIRETORES:

Prof. Octavio Domingues

† Prof. N. Athanassof (1926-1955)

Prof. Philippe Westin C. de Vasconcellos

† Prof. Carlos Teixeira Mendes (1931-1950)

Secretário: Dr. Lulz Gonzaga E. Lordello

Vol. XXXIII

JUNHO - 1958

N. 2

## A PARTICIPAÇÃO DO ÍNDIO, DO BRANCO E DO NEGRO NA ETNIA BRASILEANA

S. DE TOLEDO PIZA JR.

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"  
Universidade de S. Paulo — Piracicaba

*(Discurso pronunciado em nome dos homenageados, na sessão de colação de grau dos engenheiros-agrônomo de 1957, realizada a 8 de Março, no salão-nobre da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz").*

Meus caros, mais que caros, meus queridos colegas. Colegas, não. O título é muito pesado para vocês. Exatamente no dia de sua formatura, antes de terem dado o primeiro passo na vida profissional, não posso, não devo, não quero, chamá-los colegas. Para cá, onde me encontro, a vida é dura demais. É por isso, só por isso, que os não chamo colegas. Não considero este dia, de glória para vocês, como o primeiro dia da carreira que abraçaram, mas como o último de sua vida acadêmica. Com que mágoa haveria eu de considerá-los colegas, se isso significa perdê-los. Não, nesta noite radiosa, quero tê-los ainda como alunos. Alunos, que depois de três longos anos, recupero. Com a sua promoção para o 2.º ano, perdi-os de vista. Mas eis que vocês reaparecem. Colocam-me diante de vocês, numa tribuna de honra. E eu os contemplo: mais fortes, mais belos, mais compenetrados. Do 2.º ao 4.º ano desta Escola tiveram vocês oportunidade de conhecer grandes mestres e entrar em contato com as matérias mais expressivas da carreira agrônômica. E no entanto vocês não se esqueceram de mim. Que grande glória essa!

Sinto-me comovido diante de vocês neste instante em que lhes devo falar em nome dos homenageados. Os professores e funcionários que vocês elegeram para figurar no quadro de

formatura, querem que eu lhes agradeça e que lhes transmita os mais veementes votos de uma carreira longa, útil e feliz.

De nada mais me incumbiram os ilustres homenageados. Porisso, vou despedir-me. E ao fazê-lo, quero oferecer-lhes, à guisa de lembrança, esta pequena história em que procuro mostrar, com aquêlê lirismo inato que a mais austera formação científica não consegue sufocar, a participação do índio, do branco e do negro na etnia brasileira.

Do índio, do branco e do negro nasceu o Brasil. Dançando imponente o índio altaneiro mandava pr'os ares seu canto guerreiro. Cocares ao vento, tacape na mão, a mole aguerrida, passava cantando por montes e vales, por tôda a nação. Tudo então era seu.

Vem o branco invasor. Arcabuz ao ombro, punhal à cintura, pisando com botas o chão dos brasis, se embrenha nas matas, invade as malocas, põe fogo às palhoças, por meio da guerra, de tudo se apossa, da gente e da terra. Escraviza o gentio e arrasta pra choça a virgem desnuda com quem vai deitar-se.

Do abraço amoroso, sob o céu tropical, nasceu uma gente que índia não era, e sem ser portuguêsã, tinha do luso a força e a destreza; dos filhos da selva, do amor e a pureza.

Entra o jesuita e a paz se inicia. Dos lábios de mel da virgem pagã escapa à noitinha na sombra da choça "Tupã iandê yara, ybákepe tecoára", Anchieta já havia vertido ao tupi a letra maviosa da prece cristã. E a hora solene da Ave-Maria, o índio de joelhos pedia, pedia... Por tôda a maloca então só se ouvia "Santa Curuçá rangaua recê". Era o guerreiro pedindo mercê.

Depois vem o negro e a terra escurece. O escravo africano trabalha e padece desde a manhã até que anoitece. Cacunda lanhada, sinal que apanhou; a face banhada, sinal que chorou; cabeça pendida, sinal que implorou. Congo, Angola, Cabinda ou Nagô, o dorso encurvado, a enxada na mão, o preto caminha com passo pesado, vertendo no eito o suor de seu peito. E a terra agradece.

Por um vestido de chita, um vidro de água de cheiro ou um simples laço de fita, a crioulinha catita atira um beijo ao Sinhô. Numa sombra lá na roça, ao lado de uma carroça, atrás de um carro de boi, para lá da bagaceira, a negrinha feiticeira deixa Nhônô abraça-la. E dêsse amor clandestino, que Deus, sei lá se abençoou, que a Mãe-Preta percebeu, que Pae João fez que não viu, nasce um ente misterioso, feito de branco e de preto, e que sem ser preto nem branco era branco e era preto: o mulato, côr trigueira, veio a todos demonstrar, que na terra brasileira duas raças se juntaram para não mais separar.